

DE MARIELLE PARA CONCEIÇÃO, DE CONCEIÇÃO PARA MARIELLE: GESTOS QUE VINGAM E FAZEM VINGAR

From Marielle to Conceição, from Conceição to Marielle: gestures that avenge and prosper

Moama Lorena de Lacerda Marques¹
<https://orcid.org/0000-0002-3569-1601> 

¹Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Letras,
Rio Tinto-PB, Brasil. 58297-000 – dirccae@ccae.ufpb.br

Resumo: Considerando a (ins)urgência de assumir a expressão literária enquanto produção teórica, a exemplo do que nos provoca Heloísa Buarque de Hollanda (2020), partimos do título do segundo livro de poesia de Danielle Magalhães, *Vingar* (2021), para pensar nos gestos de rasura, acolhimento e reconhecimento articulados na relação afetiva, poética e política que aproxima Marielle Franco e Conceição Evaristo. Para tanto, analisamos os sentidos desses gestos na homenagem que a vereadora carioca prestou à escritora mineira na Câmara de vereadores do Rio, em 2017, e no poema (re)escrito por Evaristo que abre a antologia, publicada em 2018, *Um girassol nos teus cabelos: poemas para Marielle Franco* (SILVA; MARA; KUBOTA, 2018). A partir dessas análises, argumentamos que a articulação desses gestos é parâmetro para nos aproximarmos de uma parte importante da poesia de autoria feminina contemporânea: aquela interessada em vingar e fazer vingar corpos considerados não passíveis de serem enlutados pelo Estado. Como subsídio teórico, elegemos Butler (2020), Hollanda (2020), Magalhães (2021), Kiffer; Giorgi (2019), Piedade (2017), entre outras e outros.

Palavras-chave: Autoria feminina; Conceição Evaristo; Marielle Franco; Poesia; Política.

Abstract: Considering the (ins)urgency of adopting literary expression as a theoretical production, as is the case with Heloísa Buarque de Hollanda (2020), we start from the title of Danielle Magalhães' second poetry collection, *Vingar* (2021), to reflect on the gestures of erasure, acceptance and recognition expressed in the affective, poetic and political relationship that brings Marielle Franco and Conceição Evaristo closer together. To this end, we analyze the significance of these gestures in the tribute paid to the writer from Minas Gerais by the Rio City Council in 2017 and in the poem (re)written by Evaristo that opens the collection *Um girassol nos seus cabelos: pemas para Marielle Franco* (SILVA; MARA; KUBOTA, 2018), published in 2018. Based on these analyses, we argue that the articulation of these gestures is a parameter for approaching an important part of the poetry of contemporary female authorship: the interest in thriving and taking revenge on bodies considered by the state as not grievable. For theoretical support, we chose Butler (2020), Hollanda (2020), Magalhães (2021), Kiffer and Giorgi (2019), and Piedade (2017), among others.

Keywords: Female authorship; Conceição Evaristo; Marielle Franco; Poetry; Politics.

Da poesia que vinga e faz vingar

O verbo vingar, do latim *vindicare*, é comumente utilizado no sentido de “punir com ação contrária (autor de mal ou ofensa)” (GEIGER, 2011, p. 1416), mas também no de “reparar (ofensa, mal recebido) com ação contrária” (GEIGER, 2011, p. 1416). Além desses sentidos, ainda recorrendo ao dicionário, outros se mostram possíveis, a saber: “crescer, desenvolver-se; ser aceito ou bem-sucedido; ter êxito; transpor, vencer, ultrapassar; dominar, subjugar; castigar, punir; compensar, consolar; dar-se por contente, manifestar satisfação” (GEIGER, 2011, p.1.416). *Vingar* também é título do mais recente livro da poeta carioca Danielle Magalhães, cujo texto da sinopse nos diz, em ressonância ao verbete:

Vingar é da vingança, mas não apenas: aquela que vingou, que vinga, é **a semente que deu certo, cuja voz se lança no espaço e no tempo**, que nos fala, que grita no silêncio da escrita: “eu vou continuar indo / ao que queima / vingando / os frutos não vingados / como vingam as folhagens / fincadas no meu dorso / na frente e no verso / eu vingo de novo / está traçado / no meu corpo / eu estou só começando”. (MAGALHÃES, 2021, on-line, grifo nosso)

Tomando de empréstimo, como mote, os versos de Danielle e considerando o corpo e o *corpus* da poesia feita por mulheres hoje no Brasil, nos deparamos com a encenação do luto público como forma de luta política, considerando Marielle Franco, executada em março de 2018, e as prontas respostas estéticas a sua execução, um paradigma feminista importante de confronto com o Estado. Dizemos prontas pela (ins)urgência com que a arte e, para fins deste trabalho, a poesia, vingou e fez vingar a vereadora carioca: vingou, numa tentativa de **reparar** um crime que, até hoje, mais de três anos depois, não foi devidamente solucionado pelo aparato jurídico estatal; fez vingar, no sentido de **fazer crescer** um sentimento coletivo e ações de reivindicação do direito ao luto público e de reconhecimento de vidas que não são passíveis de serem enlutadas; parte extensiva do corpo político das ruas, a poesia enluta para não (permitir) esquecer, a exemplo do que orienta Vinícius Santiago, que desenvolveu um trabalho de tese sobre o luto público das mães de vítimas da violência de Estado no Brasil, em texto publicado quinze dias após o assassinato de Marielle:

O trabalho de luto público tem se mostrado, no cenário atual brasileiro, uma importante ferramenta de luta e resistência contra a violência de Estado. Para a filósofa Judith Butler, o luto público é uma forma de garantir às vidas que foram perdidas o seu valor como vidas dignas de serem vividas. É somente através do luto público que uma vida que foi perdida pode ser sentida como uma perda de fato pela sociedade. Para a filósofa, a vida só tem o seu valor reconhecido se, quando perdida, for enlutada. Nas últimas



semanas, temos vivido o luto de Marielle Franco, vereadora do Psol do Rio de Janeiro, assassinada a tiros, e do motorista Anderson Pedro Gomes, também baleado e morto, no centro do Rio na noite de 14 de março. (SANTIAGO, 2018, on-line)

Ainda como registra o pesquisador, “os dias que se seguiram a este triste episódio foram de profundo pesar e revolta. Nosso país e o mundo lamentam publicamente a perda não só de Marielle, mas de todas as negras e faveladas brasileiras que ela representa.” (SANTIAGO, 2018, on-line). Como coro desse lamento, muitas escritoras começaram a publicar versos em suas redes sociais, compartilhados também em grupos maiores, como o do movimento Mulherio das Letras; assim, de “um momento de desencanto radical” (MIÑOSO, 2020, p. 34), começou a repercutir, em rede, um importante trabalho de reivindicação do direito ao luto público, da justiça e do não apagamento da memória. As redes sociais foram tomadas por poemas-respostas; poemas estes seguidos por antologias, saraus e outras performances públicas, incluindo atos organizados por movimentos sociais e ações de partidos políticos.

Parte, pois, de um movimento mais amplo, a poesia se predispôs a “enlutar para não esquecer” (SANTIAGO, 2018, on-line) e, mais do que lançar uma semente no corpo fértil do poema, lançar o próprio corpo ancestral no corpo do poema; considerando-os enquanto berço de sementeira, corpo-terra, gerando, no corpo do poema, o corpo-fruto de Marielle Franco; hoje, corpo-semente, que continua a se materializar em um imenso corpo estelar nos versos de Conceição Evaristo que abrem a antologia *Um girassol nos teus cabelos: poemas para Marielle Franco* (SILVA; MARA; KUBOTA, 2018). Lançada na Feira Literária de Paraty (FLIP) de 2018, poucos meses após a execução de Marielle e Anderson, a obra é um exemplo da pronta resposta estético-política que a poesia ofereceu, somando-se a uma luta mais ampla de reivindicação do luto público e de justiça. Formada por cinquenta textos de cinquenta poetas dos mais variados estados brasileiros, começa com um poema de Conceição Evaristo. Certamente, essa escolha das organizadoras passa pela importância da premiada escritora mineira na cena literária brasileira, bem como pelo peso da sua militância política; literatura e militância, aliás, faces indissociáveis das suas escrituras. Mas, há outras razões que, se não pensadas previamente para a estruturação do livro, incidem sobre os seus sentidos enquanto (parte de um) projeto literário-feminista. Estamos nos referindo aos gestos de **rasura**, **acolhimento** e **reconhecimento** articulados na relação entre Marielle e Conceição entre os anos de 2017 e 2018 e sobre os quais iremos nos debruçar.



De Marielle para Conceição

Para fins desta análise, o gesto que consideramos inaugural na relação entre Conceição Evaristo e Marielle Franco foi realizado por esta, ao apresentar à Câmara de vereadores do Rio, em 2017, requerimento para concessão da Medalha Pedro Ernesto, a maior honraria da Casa, à autora mineira. Ao comentar a importância desta enquanto escritora, pesquisadora e intelectual negra, Marielle destaca a necessidade de conhecê-la, celebrá-la e reverenciá-la. Vejamos:

Conceição Evaristo tinha que constar das bibliografias escolares. Seus textos contam a nossa história, a história das mulheres negras. A morte, a violência urbana, a pobreza, a gravidez precoce, a prostituição, as situações cotidianas... Sua narrativa é cortante, resgata nossa ancestralidade, contagia corações e mentes. Um exemplo de resistência e poesia. Precisa ser celebrada, conhecida e reverenciada. (FRANCISCO, 2017, on-line)

Tendo sido o requerimento aprovado por unanimidade, no dia primeiro de agosto, a escritora recebeu, em uma Câmara lotada, homenagem realizada por uma bancada de mulheres negras ocupantes das mais importantes esferas: política, artística, jornalística, religiosa, entre outras. Estavam presentes: dona Ruth de Souza, uma das atrizes mais representativas do país; Flávia Oliveira, jornalista e economista; Jurema Werneck, médica e diretora da Anistia Internacional no Brasil; Mãe Meninazinha de Oxum, Iyalorixá; Patrícia Oliveira, membro do Mecanismo de Combate à Tortura do Rio; e a vereadora Marielle Franco (PSOL), que presidiu a sessão. Após a saída de dona Ruth de Souza, a vereadora Talíria Petrone passou a ocupar sua cadeira (BLOG MARIELLE FRANCO, 2017, on-line).

Começando pelo lema “Eu mulher negra resisto” e podendo ser constatado nas imagens e falas que circularam pela mídia, desde as de Marielle, passando pelas das mulheres que integraram a bancada de homenagem, já citadas, e as da própria Conceição, o centro da homenagem residiu na importância de romper memoricídios e epistemicídios negros por meio da promoção de uma memória de lutas e de resistências ancestrais. A Câmara, tradicionalmente masculina e branca, era ocupada, naquele dia, majoritariamente por mulheres negras. “Seus múltiplos tons de pele, turbantes coloridos e lindos penteados imprimiram o contraste estético à Casa que, historicamente, é ocupada por homens brancos.” (BLOG MARIELLE FRANCO, 2017, on-line).

Compartilhando com outras mulheres negras o que Vilma Piedade (2017), também presente, chama de Dororidade histórica, o gesto iniciado por Marielle para Conceição, e alargado pelas muitas outras que se fizeram ali presentes, parte do (re)conhecimento dessa dor provocada pelo machismo e pelo racismo em todas as mulheres negras, uma “dor



cunhada pela escravidão” (PIEDADE, 2017), cuja ideia de sororidade, amplamente utilizada pelos feminismos, não alcança. Ao mesmo instante, busca desestabilizá-la pelo (re)conhecimento e pela continuidade de uma resistência forjada “na solidão desse banzo antigo/rememorador de todas e de todos/os que de nós já se foram” (EVARISTO, 2018, p. 7), forjada na história de todas as mulheres negras que vieram antes; mulheres como dona Ruth de Souza, que fez história no cinema nacional, ao ser a primeira atriz brasileira a ser indicada a um prêmio de melhor atriz em um festival internacional de cinema, como a tia de Marielle, por meio de quem ela diz ter entrado em contato com a literatura de Conceição, como Conceição.

Ao promover essa homenagem, desejada por Marielle desde que assumiu seu mandato, ela provoca mais uma rasura na história branca e masculina da Casa Legislativa do Rio; dizemos mais uma porque a sua própria presença enquanto vereadora, a sua vitória nas eleições municipais, é uma primeira rasura. Em seu mandato, destacamos a presidência da Comissão de defesa da mulher, na qual atuou, sobretudo, em prol das mulheres negras e da favela, e mobilizou diversas ações importantes, a saber:

Em um ano e três meses de mandato, a Comissão da Mulher atendeu vários casos de violência contra a mulher, visitou cinco maternidades municipais e a Casa do Parto, realizou a audiência pública sobre mortalidade materna, produziu cartazes informativos a mulheres vítimas de violência sexual, aprovou a lei que instituiu o Programa de Centro de Parto Normal e Casas de Parto, realizou encontros com as profissionais de saúde da Clínica da Família, o Ocupa DH no Salgueiro, junto com a Comissão de Direitos Humanos da ALERJ, e a Associação de Moradores, entre tantas outras ações pelos direitos das mulheres (EQUIPE MARIELLE FRANCO, 2018, p. 3).

Nas palavras de Patrícia Oliveira, em homenagem a Conceição, “é preciso tomar conhecimento da sua história e aprender a ocupar esses espaços, como faz a Marielle. Somos capazes de sermos juízas, governadoras e escritoras. Podemos chegar aonde quisermos” (BLOG MARIELLE FRANCO, 2017, on-line). Como fez Marielle, é preciso, pois, ocupar e transformar, na esteira do que foi realizado à frente da Comissão da Defesa da Mulher e naquele primeiro de agosto de 2017: ocupar um espaço tradicionalmente arquitetado para ser “um espaço de reunião política e de encontros para o lazer” (LUCENA, 2018, on-line) da elite carioca e transformá-lo, com a atuação de Marielle e para receber Conceição, em um espaço de acolhimento e resistência, um quilombo, como várias falas registraram. Flávia Oliveira, por exemplo, lembrou da campanha “O Brasil é quilombola, nenhum quilombo a menos” (BLOG MARIELLE FRANCO, 2017, on-line), encabeçada pela



Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, o Conaq, diante da ameaça vinda de uma ação direta de inconstitucionalidade impetrada, à época, pelo Partido Democratas (DEM) que questionava o decreto que regulamentou a titulação das terras dos quilombos. E, enquanto Flávia lembrava a luta quilombola, Talíria Petrone, vereadora de Niterói, reforçava com um “Sejamos quilombo!” (BLOG MARIELLE FRANCO, 2017, on-line).

Para encerrar a sessão, Marielle insistiu no sentido de resistência da ocupação dos mais diversos espaços, especialmente o da política, por mulheres negras, como ela, como Conceição, dona Ruth, sua tia, Talíria e todas as outras que estavam ali:

Aqui nesta casa, somos resistência. Saímos fortalecidas deste lindo evento, como flores que rompem o asfalto. Ainda ocuparemos muito esse espaço, que precisa ser enegrecido cada vez mais. E nosso mandato, que é coletivo, está aqui para lembrar disso e resistir (BLOG MARIELLE FRANCO, 2017, on-line).

Com a execução de Marielle, em 14 de março de 2018, a metáfora drummondiana da resistência que brota da flor furando o asfalto, conduzida pela luta de mulheres negras, foi convertida no lema da (ins)urgência político-feminista “Marielle virou semente”. A repercussão desse lema logo pode ser observada em manifestações nas ruas, em poemas dedicados a ela, na ampliação de candidaturas de mulheres negras no Rio e em outras cidades e estados.

As deputadas Renata Souza, Dani Monteiro e Mônica Francisco, por exemplo, revelaram que as suas candidaturas foram antecipadas/apressadas para dar prosseguimento ao trabalho realizado pela vereadora do Psol, de quem eram assessoras. Mônica Francisco diz que a candidatura “era uma coisa pensada talvez para o horizonte de 2020, com uma construção gradual, como tem que ser. A execução da Marielle precipita esse processo” (RODRIGUES, 2018, on-line). Já Renata Souza enfatiza: “Nossa resposta [ao crime] não foi recuar. Fomos ousadas e desafiamos o pragmatismo político, que diz que só pode vir no máximo uma mulher negra por vez. E nós dissemos não, dessa vez vão três. E trabalhamos para que todas três fossem eleitas” (RODRIGUES, 2018, on-line).

Esse mesmo sentido de (ins)urgência e insistência de uma luta política feminista potencializada como resposta ao assassinato de Marielle e de outros corpos que não importam para o Estado é encontrado em diversas candidaturas coletivas propostas nas eleições municipais de 2020, a exemplo da “Juntas”, eleita para a Câmara de vereadores de Recife. Nesse sentido, Carolina Vergolino, uma de suas integrantes, diz: “Quando

Marielle Franco foi executada, foi a gota d'água". [...] "Naquele momento, a gente entendeu que não há mais tempo para esperar". [...] "Quando dizem que ela virou semente, é muito real. [...] Temos que colocar nosso corpo na luta" (ROSSI, 2018, on-line). Outra integrante da chapa, Joelma, acrescenta: "E é uma ida sem volta" (ROSSI, 2018, on-line).

De Conceição para Marielle

Menos de um ano após a cerimônia de entrega da medalha à Conceição, quando Marielle Franco foi executada, junto a Anderson, seu motorista, a escritora mineira prestou diversas homenagens à vereadora, a exemplo da que foi realizada na Feira Literária de Paraty, no dia em que esta faria 39 anos. Na ocasião, Conceição disse:

No momento [do assassinato], eu estava em um trabalho fora do país e a gente recebeu a notícia do que estava acontecendo com Marielle quando alguém nos liga". [...] "A perda está aí, o vazio está aí. Acho que outras mulheres vão continuar essa caminhada. Mas por que nossa caminhada tem que ser tão marcada pela dor"? (LISBOA, 2018, on-line).

Integrando uma mesa de mulheres negras, onde ela própria era homenageada, ao lado da escritora Carolina Maria de Jesus e a da própria Marielle, Conceição destaca a Dororidade histórica que atravessa as suas vidas e cujo sentido elucidamos abaixo, nas palavras de Vilma Piedade:

Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravo nessa dor. A Pele Preta nos marca na escala inferior da sociedade. E a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados...A sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor – mas, neste caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. (PIEIDADE, 2017, p. 17)

Essa Dororidade, assim em maiúscula, como a registra Vilma Piedade, é elemento fundador da Literatura de Conceição Evaristo, das personagens que atravessam as suas narrativas e os seus versos. Nos textos que integram o livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), ela aparece, de maneira mais aguda, em poemas como o conhecido "Vozes-mulheres", "Amigas", "De mãe", "Carolina na hora da estrela" e "Tantas são as estrelas". Neles, não são apagadas as marcas da violência que incidiu e continua a incidir especialmente sobre os corpos das mulheres negras; um campo semântico encarnado por essa violência é recorrente e ilustrado por substantivos como sangue, carne, calo e ossos,

bem como por adjetivos que a potencializam: são “olhos caolhos, caóticos, carcomidos” (EVARISTO, 2017, p. 111), “um rubro calo/viva cicatriz” (EVARISTO, 2017, p. 31), “vozes mudas caladas engasgadas” (EVARISTO, 2017, p. 25). No entanto, sem perder a dimensão histórica, essa dor lavrada no vazio de tantas perdas, na “certidão de óbito” (título de outro poema) das que se foram, é transformada em luta, também no âmbito do poema.

Escrever, nesse sentido, é uma maneira de ocupar aquele vazio citado por Conceição quando da morte de Marielle e de muitas outras, dando continuidade à caminhada, “à roda gira-gira/em que os de ontem, os de hoje,/e os de amanhã se reconhecem/nos pedaços/uns dos outros./Inteiros.” (EVARISTO, 2017, p. 12). A conhecida roda dos ausentes é transformada em “A roda dos não ausentes”, título referente aos versos citados. O corpo semântico desfeito pela violência é acolhido e reconstituído. A poeta é como a velha mulher que atua no poema “Amigas”, “recolhendo seus restantes pedaços./E com o cuspo grosso de sua saliva,/uma mistura agridoce,/a deusa artesã cola, recola,/lima e nina o seu corpo mil partido./E se refaz inteira por entre a áspera/Intempérie dos dias.” (EVARISTO, 2017, p. 32).

Nos versos de “Amigas” e em tantos outros de Conceição, o trabalho forjado pelas mãos e vozes femininas é o de vingar e fazer vingar suas vidas e a de outras mulheres negras. Vingar e fazer vingar por meio de gestos que descredita a ausência, encobrendo-a com elementos, se não palpáveis, em razão da morte irremediável do corpo, ao menos visíveis, a exemplo de um corpo celeste. Essa metáfora aparece no poema “Tantas são as estrelas”, que aqui interessa porque é dele que a escritora mineira parte para prestar o primeiro gesto poético em homenagem a Marielle. Seus versos seguem abaixo, na íntegra:

Não, eu me nego a acreditar que uma estrela se apague.
São meus olhos caolhos, caóticos, carcomidos
pela crua e nua certeza de uma realidade visível
que me invadem as órbitas causando-me a ilusão
de que só vejo o que é vivo.

Não, eu me nego a acreditar que uma voz só é audível
se a boca mexer um som dizível que se propaga
até a invasão dos meus viciados ouvidos.

Não, eu me nego a acreditar que um corpo tombe vazio
e se desfaça no espaço feito poeira ou fumaça
adentrando-se no nada dos nada
nadificando-se.

Por isso, na solidão desse banzo antigo
rememorador de todas e de todos os que de nós já se foram,
que eu desenho a sua luz-mulher

e as pontas de sua estrela enfeitam os dias
que ainda nos aguardam
e cruzarão com as pontas
das pontas de outras estrelas habitantes
da constelação de nossas saudades.
(EVARISTO, 2017, p. 111-112)

Dedicado a três mulheres, Lia, tia de Conceição, que “se fez minha mãe, e mãe de muitos” (EVARISTO, 2017, p. 111), Rosângela e Rosa, a imagem da estrela aparece já nessa dedicatória, em relação à última, quando diz: “Rosa, que no sábado de um carnaval passado, vestiu sua roupa de estrela e se foi...” (EVARISTO, 2017, p. 111). Esse eufemismo com o qual Conceição reveste a morte de Rosa vai ao encontro do gesto de anulação da ausência comentado anteriormente, de inserir os que se foram na “roda dos não ausentes” girada pelo poema. Marcante também nessa metáfora é que ela é comumente utilizada pelos adultos para falar sobre a morte com as crianças, e essa memória de infância está, de certa forma, subtendida no texto da dedicatória, especialmente na relação maternal que marca a relação com a tia. A morte exige uma nova roupagem, uma fantasia, para fazer da ausência, presença, se não palpável, ao menos alcançável aos olhos.

Conceição parte, pois, da perda pessoal dessas três mulheres para rememorar, em uma alusão ancestral que remete à escravização de vidas negras, todas e todos “os que de nós já se foram” (EVARISTO, 2017, p. 111). Assim, torna sua rememoração pessoal, histórica, feita “na solidão desse banzo antigo” (EVARISTO, 2017, p. 111). Poetizar a memória de Lia, Rosângela e Rosa, desenhar o seu contorno nos versos, é insistir em uma resistência ao apagamento que vem de longe e que é central à História das populações negras no Brasil; é atender à “urgência que hoje vivemos de recuperar narrativas ancestrais, de desconstruir e reconstruir o confronto pré e pós-colonial, recuperar epistemologias silenciadas” (HOLLANDA, 2020, p. 16). Essa insistência em destacar a resistência, aliás, é uma rasura na narrativa oficial, que sempre se dispôs a abafá-la e criminalizá-la. A repetição marcada pela anáfora que inicia as três primeiras estrofes, “Não, eu me nego a acreditar” (EVARISTO, 2017, p. 111), só acentua essa resistência, que mais do que à morte física propriamente, como dito, persiste no não apagamento da memória.

Dessa forma, são inscritos nomes no poema, ainda que na epígrafe, bem como são desenhados os contornos de uma voz (segunda estrofe) e de um corpo (terceira estrofe). Mais uma vez, aqui, nos voltamos para a imagem da velha mulher do poema “Amigas”, refazendo por inteiro o corpo antes mutilado. No caso dos versos em questão, se a morte torna impossível a reconstrução da matéria física, o apelo à metáfora da estrela, que

continua brilhando e visível a olhos nus, embora inalcançável, é uma tentativa de eternização da memória. E a força da metáfora é potencializada porque a estrela é transformada, ao final do poema, em um imenso corpo estelar, junta a muitas outras. Há, aí, também o sentido de uma força ancestral que continua guiando os que ficam: “É quando partimos do Aye – Terra – e vamos para Orun – espaço transcendental, sagrado. É no Orun que reencontramos nossos, nossas Ancestrais, já que a morte nos transforma em Ancestrais. É circular...” (PIEDADE, 2017, p. 31).

O poema, portanto, é constituído por uma série de gestos de rasura, acolhimento e reconhecimento, próprios da literatura de Conceição Evaristo, que são ampliados em sua reescrita, feita para homenagear Marielle. Essa reescrita ilustra o que temos especulado como um projeto encarnado pela poesia de autoria feminina brasileira de reivindicação do direito ao luto público como forma de luta política pelo reconhecimento de vidas que nem são consideradas vidas vivíveis de fato; portanto, não são passíveis de serem enlutadas; vidas-alvo das políticas de deixar morrer e de fazer morrer por parte do Estado.

Com Marielle, lembro que “há a perda, como a conhecemos, mas há o seu papel transformador” e politizante (BUTLER, 2020, p. 41). Com Butler, compreendo que:

Muitas pessoas pensam que o luto é privado, que nos isola em uma situação solitária e é, nesse sentido, despolitizante. Acredito, no entanto, que o luto fornece um senso de comunidade política de ordem complexa, primeiramente ao trazer à tona os laços relacionais que têm implicações para teorizar a dependência fundamental e a responsabilidade ética. (BUTLER, 2020, p. 43)

Como corpo-síntese desse projeto, o poema de Conceição renasce da (ins)urgência em confrontar essas políticas que incidem sobre corpos como o de Marielle, mulher, negra, favelada, lésbica, investindo num gesto de reconhecimento dessa vida, tornando-a passível de luto – e de luta, fazendo-a vingar no corpo do poema. A vida de Marielle, mas, em uma (e)vocação mais ampla, a vida de todas as vítimas da violência colonial e neocolonial, estruturada, sobretudo, no racismo.

O poema reescrito toma o anteriormente analisado, “Tantas são as estrelas”, quase na íntegra, a partir da terceira estrofe, não fosse a alteração do pronome pessoal, que passa da primeira pessoa do singular para a primeira do plural, da inserção do nome de Marielle e de uma estruturação mais verticalizada, que sugere um movimento agudo de queda, um “tombo”, como registrada no segundo verso. Essas alterações, que iremos analisar, sugerem uma “abertura” imediata, no corpo do poema, para a acolhida do corpo de Marielle: corpo-fruto, corpo-semente, corpo-estelar. E essa abertura é, ao mesmo tempo, política e

estética, no que estas se aproximam, de acordo com o pensamento de Rancière (2010, online): ambas estão fundadas no mundo sensível, são maneiras de organizá-lo; maneiras “de dar a entender, de dar a ver, de construir a visibilidade e a inteligibilidade dos acontecimentos”. Abaixo, segue o poema:

Não, nós nos negamos a acreditar
que um corpo tombe vazio
e se desfaça no espaço
feito poeira ou fumaça
adentrando-se no nada dos nada
nadificando-se.
Por isso, na solidão desse banzo antigo
rememorador de todas e de todos
os que de nós já se foram,
é no espaço de nossa dor
que desenhamos
a sua luz-mulher – Marielle Franco –
E as pontas de sua estrela
enfeitarão os dias
que ainda nos aguardam
e cruzarão com as pontas
das pontas de outras estrelas,
habitantes que nos guiam,
iluminando-nos e nos fortalecendo
na constelação de nossas saudades”.
(EVARISTO, 2018, p. 7)

Entre as modificações realizadas que citamos, a mais imediatamente perceptível diz respeito aos cortes: do título, da dedicatória e, principalmente, das três primeiras estrofes. A gradual experimentação do luto que estas constroem no poema de origem, com o exercício dos olhos e, posteriormente, dos ouvidos na busca de verem e ouvirem além do que a matéria física provoca, não tem lugar diante da perda ocorrida de maneira inesperada, violenta. O poema já começa pelo choque do acontecimento, registrado pelo tombo no chão. É no intuito de evidenciá-lo que Conceição, por meio do *enjambement*, estreita/verticaliza o corpo do poema, realizando incisões bruscas nos versos, sugerindo uma espécie de desmonte, de desmembramento. No entanto, mais uma vez convocando o trabalho da velha mulher do poema “Amigas”, a deusa artesã que, lá, “cola, recola,/lima e nina o seu corpo mil partido” (EVARISTO, 2017, p. 32), aqui realiza um trabalho ininterrupto de costura dos versos, transformando as quatro estrofes do poema anterior em um corpo uno de novo. E, em não havendo a possibilidade de restituir-lhe a materialidade, mantém-se viva a sua memória: “é no espaço da nossa dor/que desenhamos/a sua luz-mulher.” (EVARISTO, 2018, p. 7).

A ausência do título e da dedicatória, além de condizer com o corte dos elementos



que, como dissemos, gradativamente, situavam a perda e preparavam para ela, é, de certa forma, preenchida pelo subtítulo da antologia, ele próprio, uma dedicatória: *poemas para Marielle Franco*. Como o texto de Conceição abre o livro, é ele quem presta a homenagem inaugural e empresta os primeiros sentidos, assim como ela fizera em outras homenagens públicas à vereadora. Também é importante destacar que, se Marielle não é nomeada em uma dedicatória que precede os versos, como o são Lia, Rosa e Rosângela, que dão nome a algumas das estrelas do título do poema de origem, seu nome é ajustado ao corpo central do poema, na ponta de um verso, de modo que, metaforizadas em estrela, suas pontas “cruzarão com as pontas/das pontas de outras estrelas” (EVARISTO, 2018, p. 7), em uma relação constelar que ilumina e guia muitas outras.

Esse senso de Dororidade, discutido em outros momentos, a partir de Vilma Piedade (2017), e já tão presente no poema primeiro, é alargado neste pela inscrição do coletivo, de uma voz que, se não pretende falar pela(s) outra(s), fala com as outras, compartilha com elas a dor da perda, que, particularizada, por um lado, na de Marielle, se revela eco persistente das perdas impetradas pelo sistema moderno colonial. Não é mais a voz solitária de uma perda individual, marcada nos versos “não, eu me nego a acreditar” (EVARISTO, 2017, p. 111), que transforma o luto em luta pela memória dos seus que já se foram; é uma perda sentida por todas que insistem na luta anticolonial e tomam a memória de Marielle como paradigma: “não, nós nos negamos a acreditar” (EVARISTO, 2018, p.7).

Ao pronunciar-se no plural, a voz lírica que fala em/com Conceição aproxima todas as outras vozes-mulheres que homenageiam Marielle na antologia. Nesse sentido, reconhece, pois, a importância de uma extensa rede-roda na articulação de uma poética comprometida com gestos de rasura, acolhimento e reconhecimento que recolhem “as vozes mudas caladas/engasgadas nas gargantas” (EVARISTO, 2018, p. 7), vingando-as e fazendo-as vingar.

Considerações finais

A literatura contemporânea feita por mulheres, aqui considerando, especialmente, a poesia, é um corpo semântico que tem participado ativamente de um movimento mais amplo de reivindicação da vida e do direito ao luto público pelos corpos considerados matáveis pelo Estado. Nesse sentido, as respostas político-estéticas realizadas em torno da execução de Marielle Franco têm nos versos de Conceição Evaristo uma dimensão performática exemplar, ao inscreverem corpos, fatos e outros registros que, não permitindo o apagamento da memória histórica, lhes conferem lugar e importância em uma sociedade



articulada para manter o seu silenciamento.

Quando destacamos a dimensão performática, estamos nos referindo aos gestos de rasura, acolhimento e reconhecimento que identificamos no poema analisado. Nele, como vimos, Evaristo provoca uma rasura no próprio texto, já publicado em livro, para acolher o nome de Marielle Franco e a sua memória de luta. E essa performance não ocorre de maneira isolada na estrutura formal do poema, já que é uma resposta afetiva, política e estética a gestos de igual teor realizados pela vereadora, quando da homenagem prestada, junto a outras mulheres negras, à escritora mineira. Assim sendo, podemos afirmar que a articulação desses gestos, performados por muitos corpos e muitas vozes, faz parte de afecções mais amplas que evidenciam

uma vitalidade – ruído ou grito -, um poder-dizer que insurge como palavra untada aos corpos antes invisibilizados e ainda hoje sob risco constante de aniquilação. Corpos que, em sua existência, assinalam inevitavelmente **outros modos de dizer, de contar e de escrever** diferentes do que estruturou nosso campo simbólico/discursivo, onde esses mesmos corpos foram – e ainda são – vistos como impróprios em suas diferenças. (KIFFER; GIORGE, 2019, p. 10-11, grifo nosso)

Esses “outros modos de dizer, de contar e de escrever” (KIFFER; GIORGE, 2019, p. 10) são parte fundamental do projeto de uma certa poesia de autoria feminina interessada em reabrir “as valas dos nossos cadáveres não enterrados” (KIFFER; GIORGE, 2019, p.10) e lhes desenhar um rosto, oferecendo-lhes uma espécie de obituário.

Atenta às questões de seu tempo e a sua matriz de opressões, essa poesia se apresenta como uma espécie de contra projeto de desestabilização, a começar pela própria desestabilização da língua, de um corpo mais rígido do poema, da mediação de um sujeito lírico e da História oficial. Essa poesia ajuda a escrever outras narrativas, uma outra biografia do país, a partir de um lugar de enunciação marcado e sem perder de vista o corpo semântico do poema.

No interesse em vingar e fazer vingar, como registramos no início deste texto, as poetisas não têm a pretensão de falar pela outra, mas falar “com”, estabelecendo pontos de contato, às vezes tensionados, e não permitindo o apagamento da memória, até porque o corpo da poeta é também um corpo marcado por dissidências e violências. Então, vingar e fazer o próprio corpo é vingar e fazer vingar muitos outros próximos ou iguais, conferindo, como não nos deixa esquecer a poética de Danielle Magalhães (2021), o estatuto de amáveis aos que, para o Estado, são simplesmente matáveis.



Referências

BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Trad. de Andreas Liebe. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

EVARISTO, Conceição. Tantas são as estrelas. In: EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 111-112.

EVARISTO, Conceição. Não, nós nos negamos a acreditar. In: SILVA, Cidinha da; MARA, Eliana; KUBOTA, Marília (org.). *Um girassol nos teus cabelos: poemas para Marielle Franco*. Belo Horizonte: Quintal Edições, 2018, p. 07-08.

FRANCISCO, Mônica. Conceição Evaristo recebe Medalha Pedro Ernesto na Câmara Municipal do Rio. *Portal Geledés*, 01 ago. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/conceicao-evaristo-recebe-medalha-pedro-ernesto-na-camara-municipal-do-rio/>. Acesso em: 19 jan. 2022.

BLOG MARIELLE FRANCO. O dia que a Câmara do Rio enegreceu. *Marielle Franco*, 11 set. 2017. Disponível em: <https://www.mariellefranco.com.br/blog/o-dia-que-a-camara-do-rio-enegreceu>. Acesso em: 19 jan. 2022.

EQUIPE MARIELLE FRANCO. *Relatório da comissão de defesa da mulher (2017-2018)*. Rio de Janeiro: Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.mariellefranco.com.br/relatorio-comissao-da-mulher>. Acesso em: 19 jan. 2022.

GEIGER, Paulo (Org.). *Novíssimo Aulete: dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon, 2012.

KIFFER, Ana; GIORGI, Gabriel. *Ódios políticos e políticas do ódio: lutas, gestos e escritas do presente*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. (Coleção Por que política?).

LISBOA, Vinícius. Conceição Evaristo se emociona ao falar de Marielle: 'O vazio está aí'. *Agência Brasil*, 27 jul. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-07/conceicao-evaristo-se-emociona-ao-falar-de-marielle-o-vazio-esta-ai>. Acesso em: 19 jan. 2022.

LUCENA, Felipe. História Palácio Pedro Ernesto (Câmara dos Vereadores do Rio). *Diário do Rio*, 7 abr. 2019. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-palacio-pedro-ernesto-camara-dos-vereadores-do-rio/>. Acesso em: 19 jan. 2022.

MAGALHÃES, Danielle. *Vingar*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2021.

MAGALHÃES, Danielle. *Vingar* (sinopse), 7Letras, 2018. Disponível em: <https://7letras.com.br/livro/vingar/>. Acesso em: 19 jan. 2022.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. *Sobre e por que é necessário um feminismo decolonial: diferenciação, dominação coconstitutiva da modernidade ocidental*. MASP Afterall: São Paulo, 2020.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.



RANCIÈRE, Jacques. A política tem sempre uma dimensão estética. Entrevista concedida a Gabriela Longman e Diego Viana. *Revista Cult*, mar. 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-jacques-ranciere/> Acesso em: 19 jan. 2022.

RODRIGUES, Léo. Legado de Marielle: assessoras são eleitas para Assembleia do Rio. *Agência Brasil*, 12 out. 2018 às 16:29. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/legado-de-marielle-assessoras-sao-eleitas-para-assembleia-do-rio>. Acesso em: 19 jan. 2022.

ROSSI, Marina. “Quando dizem que Marielle virou semente, é muito real”. *El País*, 12 out. 2018 às 22:06. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356144_236403.html. Acesso em: 19 jan. 2022.

SANTIAGO, Vinicius. Enlutar para não esquecer: o luto público de Marielle Franco e o racismo brasileiro. *Heinrich Böll Stiftung*, 29 mar. 2018. Disponível em: <https://br.boell.org/pt-br/2018/03/29/enlutar-para-nao-esquecer-o-luto-publico-de-marielle-franco-e-o-racismo-brasileiro>. Acesso em 19 jan. 2022.

NOTAS DE AUTORIA

Moama Lorena de Lacerda Marques (moamalorena@gmail.com) é Professora Adjunta de Literaturas em Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba e uma das líderes do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos de Poesia (LEP), também atuando como docente do PROFLETRAS (UFPB) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPB). Seus principais interesses de pesquisa estão voltados para a recepção crítica da poesia de autoria feminina e para o ensino de literatura.

Agradecimentos

Agradeço ao Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, em especial à professora e poeta Diana Junkes, que supervisionou a pesquisa realizada em estágio pós-doutoral da qual o artigo apresentado é parte dos resultados.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

MARQUES, Moama Lorena de Lacerda. De Marielle para Conceição, de Conceição para Marielle: gestos que vingam e fazem vingar. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 28, p. 01-16, 2023.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste



periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 14/01/2023

Aprovado em: 07/03/2022

Publicado em: 14/04/2023

